



A construção discursiva racial de mulheres brasileiras de descendência asiática em relatos online

Jaqueline Angelo dos Santos Denardin¹
Gabriel Marchetto²

RESUMO:

Este trabalho visa discutir como ocorre a construção discursiva racial de mulheres brasileiras no que concerne a sua descendência asiática a partir da análise de relatos online em diferentes contextos. Esta pesquisa qualitativa interpretativista utiliza como referencial teórico os conceitos de raça como construto social e branquitude, mediados pela linguagem enquanto ato performativo. A partir das análises, inicialmente, as informantes recusaram sua descendência asiática como uma forma de rejeição ao discurso racista ainda tão enraizado na sociedade brasileira, pois ao declarar “sou uma mulher amarela de descendência asiática” elas resgatam todo um histórico discursivo racista atrelado à sua descendência.

PALAVRAS-CHAVE:

Linguagem;
Mulheres;
Performance discursiva;
Raça;
Relato.

Os autores:

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).
E-mail: jaquinedenardin@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2982-6573>

² Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).
E-mail: gabrielmarchetto@live.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2535-1723>

1. INTRODUÇÃO

Os relatos utilizados neste trabalho foram retirados de uma famosa página da internet a qual apresenta as impressões e experiências de jovens brasileiras de descendência asiática acerca de como se descobriram como “não brancos” e pertencentes a raça¹ amarela.

Isto posto, a partir da leitura de todos os relatos, selecionamos quatro depoimentos que acreditamos compor um corpus de pesquisa mais rico para o cumprimento do objetivo deste artigo, o qual almeja discutir como ocorre a construção discursiva racial de mulheres brasileiras no que concerne a sua descendência asiática.

Por conseguinte, ao efetuar uma pesquisa nos principais mecanismos de busca online acerca de pesquisas realizadas sobre a questão da construção discursiva de mulheres brasileiras de descendência asiática sobre a temática raça, me deparei com o termo “Nikkei”, o qual segundo Silva e Soares (2013) é utilizado para designar qualquer indivíduo japonês-brasileiro, ou seja, é uma denominação utilizada para o descendente de japonês não importando a que geração este sujeito pertença.

No entanto, todos os trabalhos encontrados que tratam sobre mulheres *nikkeis* focalizam em questões relativas à imigração e inserção dos brasileiros descendentes de asiáticos tanto no Brasil quanto em países da Ásia e poucos trabalhos que focam na temática racial de mulheres brasileiras de descendência asiática.

Ademais, Alice Mitika Koshiyama, em sua tese de Doutorado, analisa relatos de vida de mulheres jornalistas da imprensa nipo-brasileira e discute que as mulheres entrevistadas expressaram uma forte relação entre a atuação em suas profissões e a influência exercida por suas origens familiares, identidade étnica e gênero.

Porém, Koshiyama (2011) não se aprofunda na discussão acerca de questões raciais e de gênero em suas análises dos relatos das mulheres entrevistadas, pois tal discussão não representa seu foco de pesquisa. Portanto, este artigo se insere nesta lacuna deixada por este e outros trabalhos ao apresentar uma breve discussão, a partir de relatos online, acerca de como mulheres brasileiras de descendência asiática constroem o conceito de raça discursivamente em contexto brasileiro.

Este artigo está dividido em duas seções, na primeira apresentamos conceitos de linguagem como ato performativo e na segunda discutimos os relatos online interseccionando conceitos de raça a partir dos relatos selecionados.

¹ Neste trabalho utilizamos o termo raça como uma construção social do que é compreendido a partir das diferenças biológicas existentes entre os diferentes sujeitos socialmente. No entanto, não faço aqui uma distinção entre raça e etnia. Caso o leitor necessite de uma melhor explanação desta temática, indico os artigos de Guimarães (2011) e Gomes (2015) disponíveis nas referências.

A seguir apresentamos conceitos e discussões teóricas a respeito do caráter performativo da linguagem e dos sujeitos enquanto atores performáticos, nos baseando em pesquisas de Austin (1990), Correia (2015) e Melo & Rocha (2015).

2 “Eu meio que sempre soube que não era branca”: A linguagem enquanto ato performativo

O fato é que todas as artes carregam em si uma complexidade performática. A literatura performatiza através da palavra, assim como a dança através do gesto e do movimento. A música performatiza através do som. O ator performatiza através de todos os estes signos: o som, a palavra, o gesto, o movimento, da dramatização em si, ou, numa palavra, o ator performatiza a linguagem. (CORREIA, 2015, p. 01).

A epígrafe destaca o caráter complexo e multifacetado da performance, a qual extrapola todas as fronteiras e se expande por meio da literatura, dança, música, pintura, entre outros. Portanto, os sujeitos agem e/ou performam no mundo por meio dos diversos signos que nos cercam, tais quais as palavras, os gestos, os sons e tantos outros. Dessa forma, o indivíduo performatiza a linguagem de diferentes formas por meio de diversos signos linguísticos e extralinguísticos.

Conforme Correia (2015, p. 02) a performatividade deve ser “compreendida como um ato singular e deliberado, como prática reiterativa e situacional”. Assim, não há intencionalidade na performatividade, a qual não está relacionada a ser tanto ato individual quanto ato coletivo. A performatividade está ligada a uma historicidade e assim como a linguagem não é neutra e atua repetidamente nos discursos e possui caráter reiterativo.

Melo & Rocha (2015, p. 102) afirmam que não podemos desvincular o discurso das ações que este realiza no mundo, pois todo discurso não só circula no mundo social, mas age nele ativamente, por exemplo, um material de consumo que desvirtua e generaliza a mulher brasileira pode ser retirado de circulação a partir da influência e atuação de discursos feministas nas diferentes mídias (MELO & FERREIRA, 2017). Portanto, linguagem e ação estão intrinsecamente interligadas e a performatividade da linguagem extrapola o fator linguístico.

Por conseguinte, para ilustrar o caráter performativo da linguagem, Austin (1990, p. 6) em suas pesquisas sobre atos de fala, utiliza o exemplo do casamento afirmando que ao dizer “eu aceito” diante do oficial de justiça, o indivíduo não está simplesmente proferindo um enunciado na cerimônia de casamento, mas realizan-

do o ato do casamento em si por meio da linguagem². Com relação ao tipo de enunciado elucidado no exemplo anterior, Austin (1990, p. 6) o chama de enunciado performativo ou simplesmente performativo. O autor destaca que o termo deriva de “performar” e indica que a sentença performativa deve ser compreendida como uma performance de uma ação no mundo e não apenas como dizer algo sobre alguma coisa.

Neste sentido, Melo & Rocha (2015, p. 103) afirmam que Austin “desenvolve uma discussão sobre como usamos as palavras para agir no mundo, abalando consideravelmente a ideia modernista de linguagem como intermediário epistêmico”. Portanto, para as autoras “ao enunciarmos, estamos agindo por meio da linguagem e de discursos”. Isto posto, compreender esta característica performática da linguagem é primordial para entendermos a construção discursiva racial das mulheres brasileiras asiáticas entrevistadas.

Adiante expúnhamos os quatro relatos selecionados, seguidos pelas análises dos enunciados das entrevistadas, tendo como base o conceito de raça como construto social (MUNANGA, 2005-2006) e branquitude (SCHUCMAN, 2014) mediado pela linguagem enquanto ato performativo.

3 “Então seu pai é japonês e sua mãe é normal?”: Discutindo raça e branquitude nos relatos online

Esta é uma pesquisa qualitativa interpretativa (MOITA-LOPES, 1994), pois segundo Moita-Lopes (1994, p. 331) as pesquisas em ciências sociais não podem ignorar a pluralidade de vozes atuantes no mundo social, as quais abrangem “questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade”. Portanto, segundo o autor, sob o viés interpretativista, para que possamos investigar os sujeitos, não se pode rejeitar suas concepções sobre o mundo social. Melo & Ferreira (2017, p. 14) destacam, também, que “nesse tipo de investigação o particular contribui para uma generalização que se constrói intersubjetivamente”.

Por conseguinte, nesta pesquisa, os enunciados das entrevistadas são analisados intersubjetivamente levando em consideração os modos próprios de pensar e enxergar o mundo das mulheres em questão na construção discursiva de sua raça e descendência levando, também, em consideração o conceito de branquitude.

Não foi possível localizar maiores detalhes sobre a vida das mulheres entrevistadas no site utilizado para a coleta de dados, sendo assim, não é possível precisar

² Adaptação do trecho original em língua inglesa “When I say, before the registrar or altar, “I do”, I am not reporting on a marriage: I am indulging in it”. (AUSTIN, 1990, p. 6)

sua faixa etária, profissão, nível de escolaridade e muito menos o local onde moram, pois tais dados foram omitidos pela autora da postagem no site consultado. Isto posto, não entraremos em detalhes sobre tais questões em nossas análises, pois buscamos analisar tão somente suas experiências e concepções acerca de sua raça e descendência a partir do que foi relatado e está disponível no website consultado. As mulheres entrevistadas serão chamadas aqui de Bel, Lara, Carla e Alice³.

Pra mim sempre foi complexo porque sou filha de mãe branca e pai asiático, então demorei pra me reconhecer como asiática apesar do meu fenótipo ser bem óbvio. Acho que me identifiquei como asiática quando percebi que muitas outras mulheres asiáticas passavam pelas mesmas situações que eu. Me senti finalmente acolhida. Houve uma situação em que um colega de trabalho curioso pra saber sobre as minhas origens perguntou se eu era mestiça e eu respondi que sim. 'Então seu pai é japonês e sua mãe é normal?' Hahahaha isso faz de mim meio anormal? (Bel, 2017).

A partir da declaração de Bel, podemos inferir pela frase “demorei pra me reconhecer como asiática apesar do meu fenótipo ser bem óbvio” que mesmo que ela afirme com exatidão que possui traços físicos asiáticos “óbvios”, ela ainda assim possui certa recusa a reconhecer-se como asiática como indicado pelo termo “demorei”, o que pode ter sido parcialmente reforçado pelo seu desejo de pertencer à raça branca de sua mãe, possuidora de maior prestígio social.

Outra característica interessante na fala de Bel é a utilização do adjetivo “branca” para se referir à sua mãe e “asiático” para seu pai. Pois, ao se referir à mãe, ela ressalta sua raça e conseqüentemente sua branquitude, já ao se falar de pai ela não faz referência a raça amarela, mas sim a sua descendência asiática. O que leva Bel a evidenciar a branquitude de sua mãe enquanto uma característica marcante? Já com relação ao seu pai por quê sua descendência e não sua raça é focalizada?

Conforme Melo & Rocha (2015) ao entendermos a linguagem enquanto ato performativo é preciso ter em mente que a língua cria e atua no mundo e não simplesmente apenas o descreve de forma neutra. Portanto, por que Bel se refere a sua mãe e seu pai como “mãe branca” e “pai asiático”? Por que não “mãe branca” e “pai amarelo”, por exemplo? A raça branca de sua mãe, detentora de maior prestígio social, poderia ser um fator que desvalorizaria a raça amarela de seu pai em vista da branquitude (SCHUCMAN, 2014), caso os termos “branca” e “amarelo” fossem colocados paralelamente como em nosso exemplo.

Bel, também, afirma que para ela existe uma relação complicada entre ser branca ou ser amarela por conta de sua descendência parental ao declarar que

³ Apesar de os relatos estarem disponíveis livremente na internet, optei por modificar os nomes das informantes para manter o sigilo de suas declarações, portanto foram criados nomes fictícios para a escrita deste trabalho.

“sempre foi complexo porque sou filha de mãe branca e pai asiático”. O “complexo” ou confuso parece estar relacionado com o fato de que ela, inicialmente, não consegue compreender a qual grupo racial pertenceria, o amarelo de seu pai ou o branco de sua mãe, mas é possível perceber uma maior aproximação e desejo pela raça branca, a qual possui grande prestígio social.

Consequentemente, Bel alega que somente conseguiu se identificar com a sua descendência asiática quando percebeu que outras mulheres asiáticas “passavam pelas mesmas situações” que ela. Tal declaração nos leva a pensar no que Bel está se referindo ao usar o termo “situações”, quais seriam essas situações vivenciadas por Bel e outras tantas mulheres asiáticas? Os dados não deixam muito evidente e não nos permitem afirmar com precisão se tais “situações” se referem a casos de racismo sofridas por Bel e outras mulheres asiáticas ou não.

Por conseguinte, o fato de Bel negar sua descendência asiática pode ser compreendido como uma forma de negação a vincular-se à raça amarela e a todo discurso construído ao longo dos anos acerca desses sujeitos, e, portanto, trazer para si mesma toda a “carga negativa” imbricada neste discurso preconceituoso em voga no Brasil, como por exemplo, a noção de submissão e passividade da mulher asiática.

Logo no final de seu relato, Bel narra uma situação de racismo vivenciada em seu ambiente de trabalho. Ela é inquirida por um colega de trabalho acerca de “suas origens”, a partir do momento em que ela responde declarando ser mestiça, seu colega automaticamente a questiona “Então seu pai é japonês e sua mãe é normal?”. A partir da declaração anterior, podemos nitidamente compreender a relação feita pelo colega de Bel, tal qual a raça branca naturalizada como “normal” por conta de seu alto prestígio e a raça amarela estigmatizada como “anormal” perante a raça branca, caracterizando um discurso preconceituoso racista enraizado no contexto brasileiro. Portanto, essa declaração do colega de Bel evidencia que tudo aquilo que está fora da branquitude é considerado como “anormal”, abjeto ou não desejável.

Acho que eu meio que sempre soube que não era branca, embora mestiça de mãe branca e pai coreano. Mas isso veio de forma sutil, sob forma de processos implícitos relacionados à minha construção de autoimagem/estima... Só de olhar para minha mãe, que é loira de olhos claros, eu me comparava com as crianças loiras que eram tidas como o epítome da beleza. Por muito tempo tentei me encaixar neste padrão, principalmente na adolescência, seja pintando o cabelo, fazendo uso de maquiagem pesada que alterasse meus traços a ponto de nem me reconhecer em fotos ou até mesmo usando lentes de contato coloridas todos os dias, suprimindo uma frustração por não ter puxado mais o lado branco da família. E sempre ouvi as piadas e perguntas sobre ser asiática, sabia bem que as pessoas me viam dessa forma, muito embora tenha conflitos até hoje por não ser descendente direta. (Iara, 2017, s.p.).

lara apresenta uma concepção um tanto quanto contraditória sobre sua raça ao se declarar “mestiça de mãe branca e pai coreano”, ao mesmo tempo em que demonstra certa incerteza sobre ser ou não branca “Acho que eu meio que sempre soube que não era branca”. Acerca da identidade racial branca ou branquitude, Schucman (2014, p. 135) afirma que ela “se caracteriza nas sociedades estruturadas pelo racismo como um lugar de privilégio materiais e simbólicos construído pela ideia de “superioridade racial branca”. Por conseguinte, a contradição de lara se deve ao fato de ela não estar disposta a abrir mão de sua “suposta” branquitude, pois assim ela também estaria abrindo mão dos privilégios materiais e simbólicos atrelados a uma identidade racial branca.

Neste sentido, a partir da associação com a figura materna branca “minha mãe, que é loira de olhos claros” lara se aproxima do lugar de privilégio material e simbólico usufruído pela branquitude e representado para ela a partir de sua mãe. Dessa maneira, lara também se comparava a outras crianças brancas “Só de olhar para minha mãe, que é loira de olhos claros, eu me comparava com as crianças loiras que eram tidas como o epítome da beleza”.

Por conseguinte, lara acredita que deveria ter herdado as características genéticas de sua mãe ao se comparar com outras crianças brancas que são legitimadas socialmente como padrões de beleza idealizados. Ao tentar assumir esta identidade branca, lara recorre a diversos procedimentos estéticos que buscam apagar seus traços físicos asiáticos “pintando o cabelo, fazendo uso de maquiagem pesada que alterasse meus traços a ponto de nem me reconhecer em fotos”. Portanto, Todos os procedimentos estéticos empreendidos por lara demonstram uma certa negação de si mesma enquanto uma mulher descendente de asiáticos.

Logo, ao pintar o cabelo, utilizar maquiagens pesadas e usar lentes de contato coloridas, lara busca se aproximar ao máximo daquilo que é valorizado socialmente como belo e aceitável para uma mulher, pele branca, cabelos e olhos claros, a chamada “superioridade racial branca” por Schucman (2014).

Na fala de lara também podemos perceber uma característica apontada na fala de Bel, o fato de ambas se referirem a seus pais de acordo com sua raça e descendência paralelamente. lara se refere a sua mãe como “mãe branca” e seu pai como “pai coreano”, evidenciando a raça branca da mãe e a descendência do pai. Assim como Bel, ela não utiliza termos como “pai amarelo”, mas ambas destacam a branquitude de suas mães.

A compreensão da linguagem enquanto ato performativo é importante ao destacarmos a fala de lara ao afirmar que “crianças loiras” são o “epítome da beleza”, pois esta afirmação vai de encontro com o conceito de branquitude entendido

como uma identidade branca que coloca o “não branco” como alvo de estigma e represálias e exalta o sujeito branco como superior e dotado de inúmeras características positivas, como por exemplo a “beleza” apontada por Iara em sua fala. Ao realizar tais declarações, Iara está agindo diretamente sob o mundo e não apenas o descrevendo.

Foi numa aula de história no 3º ano do Ensino Médio, em que o professor comentou de relance sobre os campos de concentração criados para japoneses no Pará durante a Segunda Guerra Mundial. Na mesma semana, houve um debate na escola sobre racismo e, como a única amarela da sala, eu expus minha opinião e minha experiência como asiática. Quase chorei, ninguém ligou e aí percebi como eles me viam com tanta indiferença que nem se importavam com o fato de eu sentir alguma coisa pelas zoações que eles faziam, quase como se eu fosse um objeto inanimado. (Carla, 2017, s.p.)

No relato acima, Carla comenta sobre uma situação vivenciada por ela em sala de aula enquanto aluna do 3º ano do ensino médio, a qual a partir da exposição de seu professor de história acerca dos campos de concentração para japoneses no Pará durante a Segunda Guerra Mundial, ela resolve relatar seu próprio depoimento enquanto mulher brasileira descendente de asiáticos expondo situações de racismo. A desumanização sofrida por Carla pode ser evidenciada pelo termo “objeto”, a comparando com uma “coisa” sem vontades, sentimentos e necessidades, e portanto, poderia ser ignorada facilmente. O adjetivo “inanimado” ao qualificar o substantivo “objeto” também evidencia essa aparente falta de sentimentos, experiências de vida e humanização.

Por conseguinte, seus colegas de classe não demonstram qualquer empatia a partir de seu relato, o que causa extrema mágoa em Carla, pois ela se sente como alguém que não seria digno de compaixão por sua experiência enquanto sujeito “não branco” e percebe que “eles me viam com tanta indiferença que nem se importavam com o fato de eu sentir alguma coisa pelas ‘zoações’ que eles faziam”. As “zoações” podem se referir a atos racistas cometidos por colegas de classe de Carla em sala de aula.

Os atos racistas não são reconhecidos e legitimados como racismo pelos colegas de classe de Carla, pois eles a enxergam como um indivíduo que não estaria legitimada a passar por situações de racismo. A partir do descrédito dos colegas de classe de Carla sobre suas experiências, podemos destacar o caráter performativo da linguagem ao tornar certos atos ou sentimentos como legítimos e/ou ilegítimos. Podemos inferir que na visão de seus colegas de classe, o racismo que Carla explicita e toma para si mesma, não existiria, justamente por não ser legitimado por seus colegas como algo “real”. Portanto Melo & Rocha (2015) destacam que os discursos

agem diretamente e ativamente no mundo social, não somente se restringindo ao caráter linguístico, mas extrapolando para o extralinguístico, o mundo social.

A partir do exposto, Munanga (2005-2006, p. 52) afirma que o conceito de raça está intrinsecamente ligado ao social e ao político e exemplifica que se “para o biólogo molecular ou o geneticista humano a raça não existe, ela existe na cabeça dos racistas e de suas vítimas”. Portanto, apesar do discurso biológico declinar o conceito de raça e suas implicações, o racismo está presente tanto naquele que o praticam quanto em suas vítimas.

Schucman (2014) também destaca que devemos compreender que existem estruturas de poder sociais com características bem delimitadas em cada sociedade, as quais influenciam diretamente nos atos de racismo realizados de maneira individual por cada sujeito, mas tais atos não possuem um fim em si mesmos em nível micro, mas estão relacionados diretamente com as estruturas de poder instauradas socialmente em nível macro.

Eu sou mestiça. Toda vez que eu falava que era amarela, minha família, inclusive a japonesa, ria de mim. Eu me identifiquei como amarela quando uma amiga negra tava falando da militância dela e ela perguntou como eu me sentia quando as pessoas eram racistas comigo. Eu fiquei quieta e ela falou: 'amiga, você sabe que você não é branca, né?! Você é amarela'. A partir daquele dia eu procurei mais sobre e comecei a me identificar como amarela sempre! (Alice, 2017, s.p.)

Alice se define como mestiça e destaca que sempre se apresentou para sua família como amarela, no entanto tal reconhecimento era deslegitimado e ridicularizado por seus familiares. “Toda vez que eu falava que era amarela, minha família, inclusive a japonesa, ria de mim”. Podemos perceber que a família de Alice rejeita a ideia do pertencimento a raça amarela e da mestiçagem e assumem uma posição preconceituosa perante si mesmos.

Sobre isso, Munanga (2005-2006, p. 53) alerta para o conceito de “racismo contemporâneo” destacando que as sociedades contemporâneas usam das diferenças culturais e identitárias para praticar o racismo e não mais se baseiam em ideias de raças superiores e inferiores.

Munanga (2005-2006, p. 53) destaca que assim como “o Brasil criou seu racismo com base na negação do mesmo, os racismos contemporâneos não precisam mais do conceito de raça”. O autor também assevera que o racismo é capaz de “parasitar em todos os conceitos”.

Consciente de que a discriminação da qual negros e mestiços são vítimas apesar da “mistura do sangue” não é apenas uma questão econômica que atinge todos os pobres da sociedade, mas sim resultante de uma discriminação racial camuflada durante muitos anos, o Movimento Negro vem tentando conscientizar ne-

gros e mestiços em torno da mesma identidade através do conceito “negro” inspirado no “black” norte-americano. (MUNANGA, 2005-2006, p. 53)

No trecho acima, o autor afirma que a discriminação sofrida por negros e mestiços não é apenas fruto de sua posição econômica, mas sim caracteriza-se por uma discriminação racial disfarçada. A partir disso, o movimento negro tenta conscientizar negros e mestiços em volta de uma só identidade por meio do conceito de “negro”.

Ao ser questionada sobre o racismo que sofria por uma colega negra consciente de sua raça e militante, Alice fica em silêncio, pois não enxergava todas as situações que viveu até então, desde o seio familiar até as relações cotidianas, como racismo, além de não ter consciência acerca de que não pertence a raça branca.

Alice não se via como pertencente a raça amarela e ao ser questionada, “amiga, você sabe que você não é branca, né?! Você é amarela”, ela passa a se indagar sobre sua condição racial e assume sua posição como mulher amarela descendente asiática. No entanto, Alice apresenta um discurso ambíguo ao se apresentar como mestiça e ao mesmo tempo se impressionar com o fato de não ser branca. Sobre isso, Schucman (2014, p. 157-158) destaca que “a ambiguidade aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral”. Apesar de Alice demonstrar ter consciência de sua mestiçagem, ela ainda assim não se enxerga como não-branca, pois não quer perder os privilégios que poderia obter ao se associar a raça branca.

4 Considerações finais

O estudo realizado neste artigo, acerca da construção discursiva de mulheres brasileiras descendentes asiáticas, teve como objetivo central a discussão sobre as formas como ocorrem a construção discursiva racial dessas mulheres no que concerne a sua descendência asiática a partir da análise de quatro relatos online.

(...) é necessário pensar que o racismo do século XXI se configura no sistema de produção atual do capitalismo. Estamos inseridos em um sistema que se estrutura na exploração da força de trabalho e que necessita de um excedente de mão de obra. Há o estímulo da produção e a competição produz desigualdades. Assim, o racismo aparece como mecanismo para que os brancos se mantenham em posições de vantagens nesta competição. (SCHUCMAN, 2014, p. 145)

A autora destaca, na citação acima, que o racismo no século 21 está intrinsecamente relacionado ao sistema capitalista de produção, o qual se baseia na explo-

ração da força de trabalho. Esta força de trabalho depende da existência de mão de obra, preferencialmente barata, a qual gera competição e desigualdades.

A partir do exposto, o racismo se desvela como um instrumento discursivo extremamente útil para que os sujeitos ditos como brancos exerçam sua dominação e mantenham sua posição privilegiada perante os não-brancos (amarelos, negros, vermelhos, entre outros) nesta competição potencializada pelo sistema capitalista.

Inicialmente, as mulheres entrevistadas recusaram sua descendência asiática como uma forma de rejeição ao discurso racista ainda tão enraizado na sociedade brasileira, pois ao declarar “sou uma mulher amarela de descendência asiática” elas resgatam todo um histórico discursivo racista atrelado à sua descendência abrangendo crenças provenientes de discursos racistas naturalizados no contexto brasileiro, do que é esperado socialmente de uma mulher asiática no Brasil.

Por conseguinte, a performatividade aponta para uma historicidade e não apenas para um ato isolado em si, não podendo ser compreendida como um ato neutro, assim como a linguagem não é neutra. A performatividade também se configura como uma prática realizada repetidamente em um determinado momento ou circunstância. Assim, quanto mais vezes certo discurso é repetido, mais força ele possui em certo contexto modificando o mundo e não apenas o descrevendo.

Dessa forma, as falas de Bel, Lara, Carla e Alice evidenciam a forma como o caráter performativo da linguagem atua na produção e reprodução de discursos que circulam sobre, por exemplo, a constituição dessas mulheres brasileiras enquanto descendentes asiáticas e sujeitos “não brancos” em uma sociedade que privilegia discursos que apontam para uma superioridade racial branca no Brasil (SCHUCMAN, 2014).

Portanto, as declarações das informantes não podem ser entendidas apenas como sentenças que descrevem o mundo e expressam suas experiências de vida e emoções, mas principalmente de que formas tais afirmações atuam no mundo (AUSTIN, 1990; MELO & ROCHA, 2015) e contribuem para a constituição racial (MUNANGA, 2005) dessas mulheres perante a sociedade e também para si mesmas.

Referências

- MOITA-LOPES, L.P. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos**. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 2004.
- SILVA, A. B; SOARES, A. L. R. **Identidade e memória nikkei: o caso das mulheres japonesas em Santa Maria**. História Oral, v. 16, n. 1, p. 103-123, 2013.
- KOSHIYAMA, A. M. **Mulheres no jornalismo nipo-brasileiro**. Discursos, identidade e trajetórias de vida de jornalistas. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- KATAOKA, J. **15 asiáticos brasileiros contam o momento em que descobriram que não eram brancos**. Acessado em 15 de Março de 2019. Disponível em <https://www.buzzfeed.com/br/julianakataoka/x-asiaticos-contam-quando-descobriram-que-nao-eram-brancos>.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Raça, cor, cor da pele e etnia**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.
- CORREIA, P. P. **O signo como performance e a performatividade da linguagem**. Artefactum - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia, Ano VII, Nº 02, 2015.
- MELO, G. C. V.; ROCHA, L. L. **Linguagem como performance: discursos que também ferem**. In: Rodrigues, M.G; Melo, G.C.V; Rodella, V.L.A; Câmara, N.S; Manzano, L.C.G. (Org.). **Discurso: sentidos e ação**. 10ed. Franca: Unifran, p. 101-120, 2015.
- GOMES, N. L. **Movimento Negro e Educação: Ressignificando e Politizando a Raça**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.
- SCHUCMAN, L. V. **Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI**. Revista da ABPN. Goiânia. v. 6, n. 13, mar. – jun. , p. 134-147.
- MELO, G. C.V.; FERREIRA, J. T. R. **As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 17, p. 405-426, 2017.
- MUNANGA, K. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. Revista USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.



The racial discursive construction of Brazilian women of Asian descent in online reporting

ABSTRACT:

This paper aims to discuss how the racial discursive construction of Brazilian women occurs regarding their Asian descent from the analysis of online reports in different contexts. This interpretative qualitative research uses as theoretical reference the concepts of race as social construct and whiteness mediated by language as a performative act. From the analyzes, the informants initially rejected their Asian descent as a form of rejection of the racist discourse still so rooted in Brazilian society, because by declaring “I am a yellow woman of Asian descent” they rescue a whole racist discursive history linked to their offspring.

KEYWORDS:

Language;
Women;
Discursive performance;
Race;
Report.